



SOLO FÉRTIL: mulheres em narrativas de nós

VIVIAN SCHMITZ

Atriz, locutora e preparadora corporal, Vivian Schmitz realiza pesquisa junto ao Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC-UFBA), sob orientação da professora Doutora Elisa Mendes. É Bacharel em Artes Cênicas (2008) pela Faculdade de Artes do Paraná (atual Unespar) e cofundadora e ex-integrante do Coro Cênico de Curitiba.

RESUMO

Este ensaio contém um relato pessoal, descritivo e analítico de um processo artístico vivenciado num componente ofertado como um Laboratório de Criação pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), denominado “Criar Vozes, Narrar Mulheres”, sob a regência da professora Dra. Meran Vargens. A autora, como artista-pesquisadora participante do laboratório, conta em primeira pessoa sua experiência, que foi vivenciada junto com outras sete mulheres durante duas semanas em caráter intensivo, sendo encerrada com uma mostra de cenas - em processo. Às referências ao trabalho corpóreo-vocal e criativo proposto pela professora, somam-se ressonâncias com o trabalho da própria autora, como atriz-criadora, pesquisadora e também ministrante de oficinas, a exemplo da que ela ministrou recentemente como parte de sua pesquisa em andamento. Tanto no processo do laboratório como no de sua oficina, participaram apenas mulheres, o que proporciona reflexões sobre as peculiaridades dos *modus-operandi* de processos criativos que se dão entre mulheres, especialmente quando se trabalha com narrativas de si. Engrossam ainda o caldo dessas reflexões as seguintes autoras-fontes: Virginia Woolf, em sua obra *Um Teto Todo Seu*, e Silvia Federici, com *O Ponto Zero da Revolução e Além da Pele*.

PALAVRAS-CHAVE:

Processo Criativo. Narrativas de si. Mulheres em Cena. Expressão Vocal. Expressão Corporal.

FERTILE SOIL: WOMEN IN NARRATIVES OF US

ABSTRACT

*This essay contains a personal, descriptive and analytical report of an artistic process experienced in a component offered as a Creation Laboratory by the Postgraduate Program in Performing Arts at Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), called “Creating Voices, Narrating Women”, under the direction of the Professor Doctor Meran Vargens. The author, as an artist-researcher participating in the laboratory, tells in the first person her experience, which was lived together with seven other women for two weeks on an intensive basis, ending with a show of scenes in process. In addition to the references to the corporeal-vocal and creative work proposed by the teacher, there are resonances with the author’s own work, as an actress-creator, researcher and also a teacher of workshops, such as the one she recently taught as part of her ongoing Master’s research. Both in the laboratory process and in the workshop, only women participated, which provides reflections on the peculiarities of the modus-operandi of creative processes that take place among women, especially when working with self-narratives. The following author-sources also add to the broth of these reflections: Virginia Woolf, in her work *A Room of One’s Own*, and Silvia Federici, with *Revolution at Point Zero and Beyond the Periphery of the Skin*.*

KEYWORDS:

Creative Process. Self-narratives. Women on Scene. Vocal Expression. Body Expression.



INTRODUÇÃO

Em um laboratório de criação ofertado como componente intensivo pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal da Bahia (PPGAC/UFBA), tive a oportunidade de partilhar durante duas semanas das presenças inspiradoras de sete mulheres, entre minhas colegas do programa, e nossa condutora das criações deste laboratório, a pesquisadora Meran Vargens.

Não eram duas semanas quaisquer, mas sim as duas últimas semanas de aula de 2024, ano de grandes (e exigentes) movimentos na minha trajetória de pesquisa acadêmica, e também na vida pessoal. Calhou que, exatamente nessas duas semanas, eu estava também em pleno período de mudança de casa, e em meio a todas as demandas práticas e burocráticas que isso envolve, pude colocar-me em exercício criativo num terreno deveras fértil, bem regado pela professora condutora e bem brotado por nós, participantes. Um tempo-espaco-presente para renovar os votos de artista da cena e alimentar, com boas referências e materiais, o meu projeto de pesquisa em andamento.

Meu trabalho, cujo título provisório é *Mulheres em Cena e Dramaturgia Autoficcional: o Prazer como Metodologia*, tem como um de seus objetos principais a oficina que ministrei no primeiro semestre de 2024: Oficina de gemidos, gargalhadas e outros catalisadores de prazer para mulheres, cujo suporte primeiro é o corpo-voz, em seus sons possíveis de acessarmos e expressarmos como elementos criativos e expansivos na experiência do ser mulher. Cruzando com o título do laboratório ofertado por Meran Vargens: Criar Vozes, Narrar Mulheres, era de se imaginar que haveria muitos pontos de confluência a serem desenvolvidos.

Já na primeira mensagem, por e-mail, que recebemos da professora, ela pedia que levássemos uma canção e uma história de vida de uma mulher real, além de indicar a leitura de *Um teto todo seu*, de Virginia Woolf, bem como a escolha de um trecho deste livro para memorizar (livro que aliás já me havia sido recomendado diversas vezes), e ainda mencionar que teceríamos relações entre esses materiais e a Teoria Crítica Feminista.



A teia já estava formada e, com o passar dos dias, foi enredando-se com cada vez mais fios de conexão. Entre as referências trazidas para os encontros, estiveram também textos de Silvia Federici (uma das autoras mais presentes na minha pesquisa), e ainda práticas meditativas advindas do *Healing*, abordagem de saúde integrada multiplicada pela terapeuta baiana Isis Pristed (Pristed, 2019), que também já me havia sido recomendada pela conexão com terapias corporais e meditação, às quais também sou adepta.

No que se refere à escolha da canção solicitada, a indicação era: “uma canção escolhida com o coração e que você saiba a letra”, segundo o e-mail que recebemos, e, então, apenas porque sim escolhi “A natureza das coisas”, de Flávio José, e trabalhei especialmente com o trecho que diz: “Se avexe não, que amanhã pode acontecer tudo inclusive nada (...)” (Remígio, 2004). Além disso, escolhi também o seguinte trecho de *Um teto todo seu*:

E (perdoem-me o pensamento) pensei, também, no fumo e na bebida admiráveis, e nas poltronas aconchegantes, e nos tapetes agradáveis; na polidez, na afabilidade e na dignidade que são fruto do luxo, da privacidade e do espaço. Certamente nossas mães não nos haviam provido de nada comparável a tudo isso – nossas mães que tiveram dificuldade em juntar trinta mil libras, nossas mães que tiveram treze filhos de pastores religiosos em St. Andrews (Woolf, 1990, p. 31).

E ainda desta mesma obra de Virginia, entre os trechos escolhidos pelas colegas, me impactou significativamente também este outro, que posteriormente acabei incorporando à cena que desenvolvi:

Em todos esses séculos, as mulheres têm servido de espelhos dotados do mágico e delicioso poder de refletir a figura do homem com o dobro de seu tamanho natural [...] Qualquer que seja seu emprego nas sociedades civilizadas, os espelhos são essenciais a toda ação violenta e heróica. Eis por que tanto Napoleão quanto Mussolini insistem tão enfaticamente na inferioridade das mulheres, pois, não fossem elas inferiores, eles deixariam de engrandecer-se.



Isso serve para explicar, em parte, a indispensável necessidade que as mulheres tão frequentemente representam para os homens. [...] Como pode ele continuar a proferir julgamentos, civilizar nativos, fazer leis, escrever livros, arrumar-se todo e deitar falação nos banquetes, se não puder se ver no café da manhã e ao jantar com pelo menos o dobro do seu tamanho real? (Woolf, 1990, p.45-46).

Elencados e partilhados esses primeiros materiais, desde o primeiro dia de encontros estivemos na prática, em contato com nosso corpo-voz e também com o corpo-voz de nossas colegas, e já nesse mesmo primeiro dia testemunhamos potentes fagulhas do que estava por vir, sob as preci(o)sas orientações de Meran. Mesclando as canções com os trechos do livro de Virginia, nos presentificamos num exercício criativo simples, mas que emocionou e mobilizou a todas.

Meran guiou uma experimentação corpóreo-vocal em que partíamos do silêncio e da imobilidade, para identificar impulsos internos que se expandiam em gestos, ações e emissões vocais, servindo-nos da canção, dos textos e de momentos de pausas. Encontramos referências a procedimentos semelhantes utilizados por ela em sua tese de doutorado: *O exercício da expressão vocal para o alcance da verdade cênica: construção de uma proposta metodológica para a formação do ator. Ou A Voz Articulada pelo Coração*, na qual Meran aponta:

[...] posso trabalhar só com os impulsos do corpo em direções no espaço e a isso acrescentar som. Fazer a diferença entre a liberação de som e a produção de som. E aí vou acumulando informações: impulso + som + stop + texto.
[...] Tudo isso vai informando muito sobre o nosso funcionamento integrado. Então faço muitos jogos de livre associação de palavras, frases, de contação de histórias, de realizar ações físicas cantando uma música, depois falando o texto da música, contando um sonho e assim acionar regiões diferentes (Vargens, 2005, p. 173).

Contudo, o que mais ficou registrado em mim, desde esse primeiro exercício conduzido pela professora, não foi da ordem dos procedimentos técnicos, mas sim da ordem da **experiência**, embora seja sem dúvida também através de sua proposta metodológica e conhecimento



técnico que é possível instaurar as experiências. Mas não só. Lembro-me a propósito de um pequeno *insight* que tive no início do mestrado, durante as aulas de Pesquisa em Artes Cênicas, de que, no caso de nossas pesquisas artísticas, não coletamos dados, mas sim *colhemos experiências!* E nesse sentido, Meran nos oferece uma ótima definição de experiência, no glossário constante de sua tese:

Experiência: aquilo que retiramos da vida, colhemos como fruto. O que nos dá a sensação de realidade. O que fica marcado na nossa memória celular envolvendo a totalidade do corpo. Fruto daquilo que experimentamos na prática. Está relacionado diretamente às ações vivenciadas, às práticas vivenciadas, tornadas e tomadas concretamente na fisicalidade do corpo individual e do meio. Podem ser subjetivas e objetivas, mas delas sempre resulta uma marca concreta capaz de afetar o físico (Vargens, 2005, p. 34).

Assim, num dos encontros seguintes, uma nova experiência que resultou em marcas concretas: chegou o momento de partilhar as histórias de mulheres reais trazidas por cada uma de nós, e com uma boa roda de conversa entre mulheres, novas potências de criação foram inauguradas. Alguns temas recorrentes saltaram à nossa percepção: relacionamentos, gravidez, aborto, dor e prazer, maternidades possíveis e impossíveis...

Entre dúvidas e receios sobre abrir questões pessoais sensíveis, como que seguindo a um impulso, acabei escolhendo contar a história do primeiro encontro com meu ex-companheiro, que envolve a dimensão do prazer, algo que busco aprofundar na minha pesquisa através da ideia de *prazer como metodologia*.

Sobre prazer, também encontro eco no trabalho de Meran, quando ela nos conta sobre a instauração de uma **atmosfera** propícia ao trabalho criativo, especialmente ao trabalho com a voz: “A criação da atmosfera de relaxamento, de integração, de estado de presença e de prazer é fundamental para o trabalho da voz, principalmente ligada aos bloqueios” (Vargens, 2005, p. 112).



E foi essa atmosfera que foi nos envolvendo, dissolvendo bloqueios e libertando presenças, vozes e narrativas de mulheres. A percepção que tenho é que a presença sincera e sensível de Meran, ativa também, e com certa facilidade, nossas presenças sensíveis e criativas, ainda que ela afirme sobre esse ponto não se tratar de nenhuma técnica metodológica consciente:

Nem sei como faço isso. Creio apenas que, quando somos sinceros na nossa expressão, criamos este clima de sinceridade à nossa volta. Por isso digo sempre que minha bússola de trabalho é a minha sinceridade comigo mesma. Este é meu termômetro. Vou desenvolvendo minha percepção sobre mim mesma e deixando que me expresse cada vez com mais clareza de mim (Vargens, 2005, p. 108).

Desenvolvendo e refinando nossas percepções sobre nós mesmas e também sobre as colegas, fomos criando cada vez mais intimidade e confiança. Posteriormente, com os materiais bastante delicados e pessoais das histórias, exercitamos modos de contá-las umas às outras, em duplas e trios, tendo as fâscias do corpo como suporte e sensação-guia. Uma de nós ia contando sua história, enquanto as que ouviam deveriam reagir corporalmente a partir da percepção e conexão de seu sistema fascial. A propósito, para explicitar de que se tratam as fâscias: “Fáscia é uma estrutura de tecido conjuntivo que reveste, separa, protege e conecta todos os órgãos, vísceras, músculos e outras estruturas corporais, formando uma rede contínua que proporciona sustentação e integração corporal” (Guimarães; Melo, 2011, p. 22).

Em outro momento também foi trazida a percepção dos *chakras* como centros energéticos do corpo, e ainda de *pontos de individualidade e coletividade* percebidos a partir de algumas extremidades do corpo, em uma roda/egrégora em que era possível sentir nitidamente a energia circulando e se expandindo entre todas. Essas experiências foram afinando a sintonia do grupo e tornando-se esteio para o desenvolvimento das cenas individuais.

Outro elemento essencial na composição deste substrato foi a rica discussão de alguns textos de *O Ponto Zero da Revolução e Além da Pele* (Federici, 2019, 2023), que rendeu também boas conversas e colheitas, com as quais fomos uma vez mais para a experimentação cênica, em



duplas, dessa vez orientadas a partir de formas corporais e da repetição de frases que surgiram entre os trechos discutidos e as reflexões que eles desencadearam.

De Federici extraímos, assim, algumas ideias primordiais ao tema das maternidades possíveis e impossíveis que, ao longo dos encontros, fomos entendendo estar tocando. Destaco especialmente este trecho a seguir:

Como a geração de feministas a que pertenço lutou para demonstrar, a maternidade não é um destino. Mas tampouco é algo a ser programaticamente evitado, como se fosse a causa da miséria e da exploração das mulheres. A capacidade de dar à luz e o fato de possuir um útero não são uma maldição [...] Pelo contrário, ela deve ser entendida como decisão política, de afirmação de valor. Em uma sociedade autônoma e autogovernada, tais decisões seriam tomadas levando em consideração o nosso bem-estar coletivo, os recursos disponíveis e a preservação da riqueza natural. Também hoje, tais considerações não podem ser ignoradas, mas a decisão de ter um filho também deve ser vista como uma recusa a dar aos organizadores do capital a permissão de decidir quem pode viver e quem, ao contrário, deve morrer ou não pode nem sequer nascer (Federici, 2023, p. 36).

Tema deveras complexo e delicado, que desencadeou outras aberturas a vulnerabilidades e identificações entre nós, regando ainda mais o terreno onde, aí sim, poderíamos dar à luz outro tipo de criação. Estavam aí, portanto, bem dispostas e recheadas, todos os materiais subjetivos, dramáticos e também teóricos que fundamentaram as criações das cenas individuais e coletivas que foram por nós desenvolvidas, sob regência de Meran Vargens, e desdobraram-se numa pequena mostra ao final das duas semanas intensivas de laboratório.

Da cena individual que pude construir, cheguei a um registro poético-dramático que me parece traduzir razoavelmente bem para o papel o que apresentei naquela ocasião. Transcrevo-o a seguir.



taças e talheres elegantes, e aqueles tapetes e poltronas confortáveis (*eu deito e me espalho e me arreganho no espaço*), aquele espaço, aquele tempo dedicado ali, um cuidado, um certo luxo... uma dignidade, sabe? uma dignidade... coisas que certamente a minha mãe, as nossas mães, não puderam nos proporcionar, porque as nossas mães tavam muito ocupadas criando dois, ou quatro, ou nove ou **treze** filhos. enfim, eu sei que a gente começou a se tocar... com ele com-ple-ta-men-te vendado... até que gente se beijou... com ele com-ple-ta-men-te vendado... depois a gente transou com ele completamente vendado e a gente gooozzoouuuu com ele com-ple-ta-men-te ven-da-do! sem nunca ter visto a minha imagem, sem saber qual era a minha identidade real! (*pausa*) e só depois de **nós dois** termos gozado, quando ele finalmente foi tirar a venda assim eu tava em cima dele (*eu me ergo sobre os meus joelhos, minha voz se torna mais grave e aveludada*), completamente nua, meus cabelos assim caídos pelo meu colo (*eu faço o gesto*), uma luz baixa avermelhada... aahh e nessa hora acho que eu devia tá realmente (*erguendo os braços*) **incrível!** e talvez essa tenha sido uma das únicas vezes, senão a única, em que eu, como mulher, tinha pelo menos o **dobro** do tamanho dele, como homem... (*pausa. eu desço, sentando com os joelhos de lado*) isso era tão inédito! é claro que ele se apaixonou! (*eu rio*) ... e eu também! aaaaaaaii que gostoso né?! (*minha voz circulante volta a cantar*) chhhaaallaaaalalalaaaalaaa ôôôôô coisa boa é namoraaaaaaaaahhhhhh (*co-movo e circulo entre cantar e contar*) mas essa história não teve um final feliz... iiih, aconteceu tanta coisa... vixi aconteceu tudo que cê pode imaginar, nossa, aconteceu tudo, tudo, tudo, tudo tudooo(*me curvo ao chão e grito, para o centro da terra*)oooooooooooooooooooo (*canto*) inclusive naaaadaaaa(*eu levanto, saio desse círculo, meio abruptamente, um tanto exausta, suspirando de cansaço*)aaaaahh!!! (*dou as costas e vou saindo pelo fundo da cena, mas me detenho e viro de frente de volta, avançando calmamente em direção às pessoas que estejam presentes, indo sentar junto delas*) viver é perigoso! é divino, maravilhoso, mas perigoso... (*falando mais intimamente para a pessoa de quem sentei ao lado*) muito perigoso!



CONSIDERAÇÕES FINAIS FIM DA TRANSCRIÇÃO

Não por acaso, encontrei uma ressonância a esse círculo que menciono no início da cena neste outro trecho da tese de Meran Vargens, no qual cita um desenho que fez para representar sua proposta metodológica com o trabalho vocal:

[...] um conjunto de círculos concêntricos simbolizando que cada coisa do processo de trabalho está contida na outra. Onde o círculo maior é o Cosmo e o círculo menor o Umbigo, o indivíduo. A voz que, enraizada no corpo, ressoa com exuberância em ondas concêntricas que vão deste Umbigo para este Cosmo. A voz em seu movimento de dentro para fora, em direção ao outro, com força criadora no espaço (Vargens, 2005, p. 160).

Essa imagem contempla muito do que eu (me) sentia estar ativando e sendo ativada no início de minha cena. Cena esta que agora passa certamente a fazer parte também dos elementos mais concretos da minha pesquisa de Mestrado, que aliás visa também levantar material para o desenvolvimento de um solo cênico autoficcional. Essa experiência no laboratório de Meran, bem como a escrita deste relato descritivo e analítico acompanhado da escrita dramatúrgica da cena, me fez ter mais consciência dos caminhos por onde passa meu próprio processo de trabalho.

Primeiramente em meu trabalho como atriz criadora, que tem a percepção de seu corpo-voz como acesso primeiro a qualquer estado de criação, especialmente quando me proponho a lidar com dramaturgia autoficcional. Esse aspecto desdobra-se justamente no trabalho de criação e registro/escrita de dramaturgia e, ao transcrever a cena criada nesse laboratório, foi possível resgatar na memória várias outras cenas que já desenvolvi no decurso do Mestrado, e que também já podem se tornar escrita dramatúrgica a ser costurada na confecção do solo.



Do mesmo modo em meu trabalho como facilitadora de oficinas, a exemplo da Oficina de gemidos, gargalhadas e outros catalisadores de prazer para mulheres, na qual a instauração de uma atmosfera de confiança e abertura de sentidos também foi essencial para o desbloqueio de sons corporais expressivos de prazer e catalisadores de criação, e cujas células compartilhamos na mostra de pequenas cenas-solo ao final dos três meses de oficina. E por fim, ainda no trabalho acadêmico que estou desenvolvendo como artista-pesquisadora, que busca ser capaz de refletir sobre sua prática artística, descrevê-la, analisá-la e estabelecer relações com outras práticas e referências, contribuindo assim para o campo expandido das Artes da Cena.

Somo a esses aspectos o fato de estar pesquisando os *modus-operandi* de criação especificamente entre mulheres. Sou eu uma artista mulher que, na grande maioria das vezes, trabalhou e trabalha com mulheres, algumas vezes apenas com mulheres, sobretudo nos últimos anos. Não à toa, minha pesquisa se delineou nesse sentido; não à toa, minha oficina era direcionada somente para mulheres; não à toa, estou usando majoritariamente referências de artistas e autoras mulheres em todo o trabalho da dissertação... Para que possamos compreender melhor do que se trata um possível modo feminino de criar e dele colher e extrair os frutos mais maduros e as melhores sementes para o nosso campo de atuação.

Nesse laboratório de criação entre oito mulheres, além do reiterado proveito acadêmico e artístico da experiência, fica a sensação de que vivenciamos juntas algo muito especial, que toca também outras áreas da experiência humana, como psicologia, filosofia, ancestralidade e espiritualidade, e que se aprofunda com o fato de sermos todas mulheres e isso desdobrar-se em muitos outros aspectos comuns entre nós. Como dissemos em algum dos encontros, foi uma “bruxaria fina”. Uma vez mais, encontro, nas palavras de Meran, boas traduções do que nos passou neste caso, e percebo também passar-se com mais frequência quando trabalhamos entre mulheres:

Ouvir e falar com sinceridade. Tocar e ser tocado[a]. Perceber e ser percebido[a]. Ver e ser visto[a]. Magoar e ser magoado[a]. Amar e ser amado[a]. Deixar que os conflitos aflorem e se resolvam. Cada qual na sua medida. Os ingredientes para isso são: delicadeza, leveza, sinceridade, firmeza (Vargens, 2005, p. 107, acréscimos nossos).



Durante a já mencionada oficina que ministrei, para uma média de quinze mulheres (das quais doze participaram até o final), algo muito semelhante também se passou. Tivemos momentos de grandes e sinceras aberturas – como na proposta de contar um segredo a uma colega durante um percurso em duplas em que uma estava de olhos fechados sendo conduzida pela outra, por exemplo – e tivemos momentos de deixar que conflitos aflorassem e fossem resolvidos com firme delicadeza. Na mostra final, em que cada uma pôde nos oferecer pequenas cenas individuais, partilhamos da certeza de que todas nos vimos e fomos vistas, tocamos e fomos tocadas, com uma plateia escolhida a dedo, pelo coração.

Aqui, e para concluir este relato, mais esta feliz ressonância com o final deste processo do laboratório, onde cada uma de nós sete mulheres participantes também desenvolveu sua cena individual, que foi entretecida com outras cenas coletivas e de duplas, e a mostra de processo foi apresentada a um pequeno, mas qualificado, grupo de testemunhas atentas e gentis, que nos deram ótimos retornos no bate-papo final.

A experiência gerou sem dúvidas grande satisfação, inspiração e fôlego para nossas pesquisas. Agradeço, pois, a cada presença brotada neste precioso solo que cultivamos, alimentando o desejo de que em breve nos oportunizemos pisar outra vez em novos solos úmidos, femininos e férteis como esse.

REFERÊNCIAS

- » FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. Tradução Coletivo Sycorax. São Paulo: Editora Elefante, 2019.
- » FEDERICI, Silvia. **Além da Pele**: repensar, refazer e reivindicar o corpo no capitalismo contemporâneo. Tradução Jamille Pinheiro Dias. São Paulo: Editora Elefante, 2023.
- » GUIMARÃES, Eline Matheus; MELO, Mayara. **Fáscia: estrutura, função e tratamento**. São Paulo: Phorte, 2011.



- » PRISTED, Isis da Silva. **Caminhos entre o invisível e o visível: o pequeno livro do healing.** Salvador: LOGOS – Centro Internacional de Desenvolvimento Humano, 2019.
- » REMÍGIO, Flávio José. **A natureza das coisas.** [S.l.: s.n.], 2004.
- » VARGENS, Meran. **O exercício da expressão vocal para o alcance da verdade cênica: construção de uma proposta metodológica para a formação do ator. Ou A Voz Articulada pelo Coração.** Tese de Doutorado. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 2005.
- » WOOLF, Virgínia. **Um teto todo seu.** Tradução Vera Ribeiro. São Paulo: Círculo do livro, 1990. Disponível em: <<https://iedamagri.files.wordpress.com/2014/07/uma-hipotc3a9tica-irmc3a3-de-shakespeare-um-teto-todo-seu.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2025.